

# Não há teologia sem ideologia

José Lisboa Moreira de Oliveira\*

Por esses dias circulou na mídia a fala de um membro do alto escalão da hierarquia da Igreja Católica Romana, segundo a qual seria possível uma teologia sem ideologia. O hierarca da Igreja Católica se referia mais precisamente à Teologia da Libertação, afirmando que seria possível a existência dessa teologia sem nenhum cunho ideológico.

Tal afirmação de um membro da cúpula da Igreja Católica é, no mínimo, ingênua, para não dizer outra coisa mais séria ou grave. De fato, não há nenhum posicionamento humano que não esteja revestido de ideologia. Por isso, também a Teologia é ideológica, ou, se quisermos, reflete uma ideologia. O próprio ato de negar a existência da ideologia, de afirmar que é possível uma Teologia sem ideologia, já é em si uma ideologia.

Por ideologia entende-se um conjunto de ideias ou pensamentos de uma pessoa ou de um grupo de indivíduos. De um modo geral a ideologia está ligada à política, à economia, às relações sociais e de uma maneira muito mais profunda à religião. O conceito "ideologia" foi criado pelo francês Antoine Louis Claude Destutt de Tracy (1754-1836) que o empregou pela primeira vez em seu livro Elementos de Ideologia (1801) para designar o "estudo científico das ideias". Karl Marx, por sua vez, teve o mérito de ligar a ideologia aos sistemas teóricos criados pela classe dominante com o objetivo de manter o controle da sociedade. Nesse sentido, também a religião é uma ideologia uma vez que ela quase sempre é usada, ou usa a si mesma, para fazer esse controle social.

Na perspectiva marxista a ideologia, enquanto conjunto de preposições elaborado pela classe burguesa, tem como objetivo a hegemonia dessa classe. Por meio da ideologia é possível manter a ordem social sem usar de muita força física e da violência explícita. Dessa maneira a ideologia torna-se um instrumento de reprodução do status quo que domina a sociedade. O filósofo Althusser nos lembrou muito bem que o principal método da ideologia é o discurso lacunar, usado muito bem pelo hierarca mencionado acima em seu pronunciamento. O discurso lacunar consiste numa série de preposições que, mesmo não sendo falsas, levam a outras que são falsas. Assim sendo, a essência da ideologia ou, se quisermos, do discurso lacunar é o não dito. Fala-se demais para esconder a verdade, para que as pessoas e os grupos sociais não percebam o essencial, o verdadeiro.

Quem conhece bem a história sabe que nunca houve Teologia sem ideologia. Os estudos sérios da Bíblia revelaram com clareza como determinados grupos, especialmente aqueles que controlavam a religião judaica e depois o cristianismo, introduziram modificações nos textos bíblicos, visando fundamentar determinadas ideologias. A diferença entre os quatro evangelhos, além da questão da comunidade na qual nasceu a experiência que deu origem ao texto, expressa a perspectiva ideológica do redator final. Assim por exemplo, enquanto Mateus afirma que após o nascimento de Jesus, seus pais tiveram que fugir para o Egito, Lucas

apresenta Maria e José no templo de Jerusalém, onde estava Herodes que, segundo Mateus, procurava matar o menino. Sabemos que os Evangelhos de Mateus e Lucas tiveram uma fonte comum e a contradição só se justifica a partir do princípio da ideologia, visto no seu aspecto positivo.

A ideologia em si não é totalmente negativa, mesmo porque, como vimos antes, não existe comportamento ou pronunciamento humano sem ideologia. Toda a questão está em saber o que se encontra por trás de uma determinada ideologia. Existem ideologias mais próximas da verdade, mais próximas da justiça, mais voltadas para o bem do ser humano. Outras, porém, visam exclusivamente à manutenção da ordem, com a finalidade de beneficiar apenas quem está no poder e dar sustentação a um determinado ordenamento econômico que favorece a alguns poucos, em detrimento da maioria absoluta da população.

As ideologias que estão por trás das diferentes teologias não escapam desse princípio, embora não se deva simplificar a questão. Algumas teologias são sustentadas por ideologias que buscam justificar certo tipo de poder eclesiástico e a preservação de determinados benefícios, em total detrimento do Povo de Deus. Outras, como é o caso daquela que sustenta a Teologia da Libertação ou o cristianismo de libertação, estão voltadas para o bem da humanidade, para a prática da justiça e da solidariedade. Assim, a ideologia que moveu a fala do hierarca católico acima mencionado visa à produção de uma religiosidade e mais especificamente de um cristianismo que não incomoda, deixando as coisas como estão. Uma religiosidade resignada e um cristianismo sem profecia permitem que as lideranças religiosas se utilizem de discursos e práticas que justifiquem determinadas situações, sem necessidade de mudanças e de transformações. Dessa maneira, tais lideranças podem fazer o que quiserem sem que sejam questionadas sobre suas práticas e atitudes.

O hierarca, do qual falei no início, acusa a Teologia da Libertação de fazer uso de mediações socioanalíticas e mais especificamente do marxismo. Também aqui ele demonstra certo anacronismo, motivado não tanto pela ignorância da história da Teologia, mas pela ideologia que o mobiliza. De fato, qualquer estudante de teologia sabe que todas as escolas teológicas de todos os tempos e todos os teólogos, mesmo os mais famosos, fizeram uso de mediações socioanalíticas, de hermenêuticas bem específicas e foram instigados por uma prática pastoral bem clara.

Foi assim, por exemplo, que Agostinho, usando mediações socioanalíticas do seu tempo e permeadas de maniqueísmo, construiu a sua teologia permitindo-lhe inclusive negar a positividade do matrimônio. A partir dessas mediações chega a afirmar no tratado Contra Fausto (15,7) que os esposos são amantes, as esposas prostitutas, os leitos conjugais são bordéis e os sogros são rufiões. Tal visão do casamento não é mais admissível nos dias atuais. No auge da Idade Média Tomás de Aquino, utilizando-se de mediações herdadas da cultura greco-romana "pagã", elaborou a sua monumental teologia, fazendo afirmações que hoje chegam a ferir nossos ouvidos. Ele, por exemplo, não reconhece como humano o embrião que ainda não completou quarenta dias, quando então lhe é infundida a "alma racional".

Por terem usado mediações do seu tempo, as teologias desses grandes autores possuem limitações. Algumas de suas afirmações perderam sentido com o passar do tempo e a partir das novas descobertas que fizemos com a ajuda de outras ciências. Mas nem por isso deixamos de reconhecer o valor e a importância de seus ensinamentos. Esses continuam sendo respeitados até hoje. Assim sendo, também a Teologia da Libertação não perde o seu significado por causa da utilização de mediações socioanalíticas e nem por causa de alguns de seus marcos categóricos. Se tivéssemos que seguir a lógica de uma teologia sem ideologia, deveríamos repudiar todo o patrimônio teológico da Igreja Católica, pois todo ele foi construído a partir da utilização de mediações. Negar isso seria ingenuidade ou ignorância, um tremendo anacronismo.

É lamentável que uma autoridade da Igreja Católica Romana tente utilizar-se de certa ideologia para negar o valor de uma teologia que foi construída a partir de uma experiência espiritual que percebeu no rosto dos pobres e excluídos os apelos inadiáveis do Deus Pai de Jesus Cristo. É triste perceber em muitos membros da cúpula da nossa Igreja uma intenção deliberada e projetada para acabar com um paradigma de Igreja que, a partir do Vaticano II, voltou a "se lembrar dos pobres" (Gl 2,10). Segundo o apóstolo Paulo, ter os pobres como referencial é um dos critérios fundamentais para se reconhecer a autenticidade de uma teologia cristã. É doloroso perceber a insensibilidade dessa gente que é incapaz de enxergar as injustiças, dominações e humilhações a que são submetidos os pobres e excluídos.

Como é possível que uma autoridade da Igreja Católica Romana não veja a realidade que oprime e desumaniza dois terços da humanidade? A resposta está na ideologia que o motiva e que o leva inclusive ao discurso lacunar da possibilidade de uma teologia sem ideologia.

Para fazer uma opção séria pelos pobres, acolher a Teologia da Libertação ou o cristianismo de libertação, com sua ideologia específica e o uso de mediações socioanalíticas é indispensável entrar na lógica de Deus. Segundo a lógica de Deus é preciso que os cristãos e as cristãs, particularmente os membros da hierarquia, desçam até o submundo dos pobres para ver, ouvir, conhecer e, como amava repetir Ana Roy, "sentir o cheiro" da miséria e da opressão (Ex 3,7-9). Não dá para ser solidário com os lascados da sociedade permanecendo trancado nas mansões e palácios episcopais, rodeado de confortos e mordomias. Para que aconteça a solidariedade é indispensável um deslocamento real para a periferia que envolva todas as dimensões da existência da pessoa.

É indispensável assumir para valer a lógica da kénosis, do abaixamento-rebaixamento, abrindo mão de privilégios e vantagens para viver como servo, a exemplo do Filho de Deus (Fl 2,5-11). Sem esvaziamento e coragem para ser apenas um "simples mortal" (Fl 2,7) os hierarcas católicos terminam no "discurso lacunar", dando sustentação à ideologia do poder e da opressão. Para entender a Teologia da Libertação são indispensáveis gestos quenóticos como aqueles de Dom Helder Camara, de Dom Oscar Romero, de Dom Pedro Casaldáliga. Sem estes gestos, os membros da hierarquia permanecerão cegos e insensíveis, adeptos e defensores da ideologia burguesa, da classe dominante. Para entender a

"ideologia" da Teologia da Libertação é preciso, de livre e espontânea vontade, mas com firme decisão, "enriquecer-se" da pobreza de Cristo (2Cor 8,9). Sem assumir a condição real de pobre é impossível entender e acolher a Teologia da Libertação. Isso porque, segundo a Escritura, o homem rico é alguém "sem inteligência; é como animal que perece" (Sl 49,21). Jamais entenderá os apelos de libertação, os gritos dos pobres, oprimidos e excluídos.

-----  
\*Filósofo. Doutor em teologia. Ex-assessor do Setor Vocações e Ministérios/CNBB. Ex-Presidente do Inst. de Past. Vocacional. É gestor e professor do Centro de Reflexão sobre Ética e Antropologia da Religião (CREAR) da Universidade Católica de Brasília

Fonte

- Adital -

<http://www.adital.com.br/site/noticia.asp?lang=PT&langref=PT&cod=54377>